

## OS CONFLITOS SOCIAIS E A CIDADE

O progressivo desenvolvimento sócio-económico gera problemas novos que não podem ser facilmente explicados pelo uso de instrumentos interpretativos tradicionais das várias teorias das ciências sociais. Dentre eles destaquem-se: a passagem da produção de bens para segundo plano quando comparada com os serviços e outras actividades localizadas fora do ciclo de produção (publicidade, *marketing*, investigação tecnológica, administração); a variedade de situações e modo como aquelas actividades ocorrem; a reorganização da situação económica mundial após a segunda guerra, traduzida num recuo da hegemonia americana, compensado pelo terreno ganho pela República Federal Alemã e Japão e nas vantagens particulares que alguns países do Terceiro Mundo, ricos em recursos energéticos e matérias-primas, oferecem; uma maior intervenção do estado na organização da economia e da sociedade, que gerou uma série de contradições que conduziram à falência das políticas sociais democráticas na Europa e ao fim do mito do «welfare» nos Estados Unidos.

O resultado destas novas condições na sociedade moderna é um complexo processo social de desintegração caracterizado por uma fragmentação cada vez maior das classes sociais, pelo incremento da marginalização das franjas de cada classe e o desenvolvimento duma estrutura territorial que favorece mais os interesses locais em detrimento dos gerais.

As ciências sociais encontram-se face a uma escolha importante: o abandono da hipótese de reconstrução duma teoria geral da sociedade, pelo ênfase que dá à complexidade e especificidade dos factos citados, ou a construção de uma metodologia capaz de explicar e interpretar o processo social contemporâneo.

É com esta questão de ENZO MINGIONE inicia o primeiro capítulo (p. 9-71) da sua obra — *Social Conflict and the City* (1) —, apresentando de uma forma descritiva os elementos do desenvolvimento económico que influenciam as relações sociais: conflito entre o trabalho e o capital, validade de contradições de teoria trabalho-capital, o território. O autor tenta a articulação dos problemas regionais e urbanos com o processo de acumulação do capital, sem delimitar ou autonomizar as relações sociais. O capítulo termina com uma

---

(1) ENZO MINGIONE — *Social Conflict and the City*, Basil Blackwell, Oxford, 207 p., 1981.

análise crítica das obras de sociologia urbana que abordaram esta temática, sem que o autor defina a sua posição metodológica.

Uma das críticas possíveis à análise marxista sobre a organização do território é a de que ela resulta da organização capitalista das relações de produção, excluindo, *a priori*, a contribuição doutras variáveis como o desenvolvimento das forças de produção e da produtividade em geral. Contudo, a história da formação da humanidade é a sucessão de diferentes formações sociais, cada uma delas caracterizada por diversas relações de produção, isto é, diferentes tipos de relações de classes sociais. No contexto sócio-económico, as forças de produção desenvolvem-se até atingirem um ponto de conflito com os diferentes contextos que as geram. Neste ponto, os diferentes modos de produção tornam-se um obstáculo, e a sua ultrapassagem implica o aparecimento dum novo modo de produção, que terá reminiscência do anterior. Estas só desaparecem quando as forças produtivas, nas quais a nova formação social assenta, se encontrarem em pleno estágio de desenvolvimento. A passagem duma formação social para outra é lenta e complexa e, se por vezes o seu estágio final é assumido com um carácter revolucionário, ele envolve um processo que constitui um fenómeno de transição. À história do processo de acumulação de capital e a sua relação com as fases de desenvolvimento urbano o autor dedica o segundo capítulo (p. 72-123) e, ainda que abordado duma forma interessante, certas questões, como a divisão territorial do trabalho gerada pelo sistema capitalista e novos conceitos utilizados no domínio das ciências sociais e na economia, poderiam ter sido redefinidos e alargados.

O desigual desenvolvimento espacial e a crise do capitalismo são abordados no terceiro capítulo (p. 124-158), no qual o autor procura formular uma teoria geral que explique as relações entre o processo dialéctico contemporâneo da acumulação do capital e as contradições espaciais que se mantêm ou aumentam ao nível mundial e local. O método assenta na especialização do processo industrial que conduz à identificação dos desequilíbrios regionais que, segundo MINGIONE, tendem a aumentar, pois a crise económica e social dos anos setenta faz deles o factor essencial duma dialéctica entre as necessidades do desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção capitalista. Como exemplos de consequências espaciais de acumulação do capital, o autor caracteriza a acumulação monopolista traduzida em áreas de forte concentração industrial e as áreas periféricas subdesenvolvidas.

Os desequilíbrios espaciais, por sua vez, contribuem para a própria crise, na medida em que as áreas de expansão de reserva tendem a reduzir a taxa de acumulação e o investimento, gerando uma competição intercapitalista, a falência de factores menos competitivos, o agravamento das taxas de desemprego não acompanhadas da redução do custo do trabalho.

Em consequência, a desagregação social desenvolve-se para uma situação cheia de contradições que nalguns casos levam ao enfraquecimento da luta de classes nas áreas centrais e ao rompimento na periferia.

O autor completa a sua análise caracterizando os espaços económicos italianos: o Norte e o Centro marcados por uma forte concentração industrial já em fase de congestão; o Nordeste e o Sueste identificados pela existência

duma indústria tradicional com fortes relações com a agricultura e por um processo de industrialização retardado, e o Sul, onde a indústria se instalou para promover a redução da forte concentração da área setentrional e como factor de compensação da crise na agricultura. O capítulo termina com a discussão da política de localização industrial dos últimos governos italianos.

No capítulo V (p. 159-197) o autor procura encontrar uma resposta para a crise, partindo do princípio de que ela só é possível através do socialismo, o que obviamente implica a organização dum processo revolucionário à escala mundial.

Ao analisar os diferentes tipos de governos socialistas estabelecidos em grandes áreas do globo, o autor procura identificar pontos que consubstanciem uma alternativa radicalmente socialista, um sistema sócio-territorial diferente do apontado no cap. III e o estabelecimento e/ou fortalecimento da luta de classes contra o capitalismo. Relativamente ao primeiro ponto, o autor indica alguns aspectos do sistema socialista, explanando de seguida uma análise teórica relativa ao desenvolvimento do território onde são evidenciadas as vantagens e desvantagens das políticas centralizadoras e descentralizadoras seguidas nos países que as executam. A análise é acompanhada pelo recurso à comparação duma experiência italiana (Augusta-Priolo) e uma chinesa (Taching), e pretende mostrar as diferenças entre uma forma estritamente capitalista de descentralizar e uma executada num país em transição para o socialismo.

Embora o autor se manifeste a favor duma política descentralizadora e pela defesa de implantação de unidades económicas polivalentes, o capítulo apresenta-se pouco conclusivo no que concerne a soluções e/ou alternativas à crise do capitalismo, revelando ainda uma ausência de reflexão sobre as possíveis políticas a adoptar no domínio do planeamento económico e urbano.

Além das críticas apontadas, relativas a cada capítulo, há ainda a acrescentar que, apesar do título do livro, a discussão dos conflitos sociais fica aquém do nível geral e as suas relações com a cidade e/ou o seu desenvolvimento no interior do espaço urbano passam despercebidas, com excepção da análise relativa às fases de desenvolvimento da acumulação capitalista e sua correlação com o crescimento urbano.

No seu conjunto as temáticas estudadas apresentam-se pouco articuladas, o que provavelmente se deve ao facto de os capítulos que constituem a obra terem sido divulgados anteriormente sob a forma de artigos aos quais não foi dada coesão suficiente para que, na forma de livro, se apresentassem como um fio condutor do pensamento de um sociólogo inserido politicamente na área neo-marxista.